Aproximações entre Bullying Escolar e Preconceito: uma revisão integrativa da literatura

Approaches between School Bullying and Prejudice: an integrative review of the literature

Letícia Leite Bessa[1], Luciana Maria Maia[1], Kaline da Silva Lima[1]

RESUMO: O bullying escolar é uma problemática social que tem preocupado educadores e pesquisadores. Apesar de existir uma definição tradicional sobre bullying, verificam-se outras compreensões que ampliam ou problematizam a visão hegemônica. Este estudo tem o objetivo de compreender os sentidos presentes nas definições de bullying nas pesquisas científicas, entre os anos 2018 e 2022, observando se há aproximações com a temática do preconceito. Realizou-se revisão integrativa, em duas bases de dados (SciELO e PubMed), a partir dos descritores Bullying AND Escola, no idioma português e publicados entre os anos 2018 e 2022. O corpus da pesquisa foi composto por 21 artigos realizados no Brasil. Os resultados indicaram que os estudos, em sua maioria, amparam-se na definição tradicional de bullying e apenas um problematiza essa compreensão. No que diz respeito à aproximação entre os conceitos de bullying e preconceito, apareceram três categorias discursivas diferentes no total de artigos revisados: em oito artigos não foram observadas aproximações entre os conceitos de bullying e preconceito; em outros seis, a relação entre os conceitos aparece de forma indireta, sem problematização acerca dessa aproximação; e em sete artigos, essa aproximação é explicitada e problematizada. Nesses últimos, são discutidas, por exemplo, a maior exposição à vivência de bullying por parte de estudantes negros, da comunidade LGBT+ e mulheres. Conclui-se que a definição tradicional de bullying se faz presente nas pesquisas, contudo tensionamentos foram observados como os estudos que aproximam bullying a diferentes expressões de preconceito.

Palavras-chave: Bullying; Escola; Preconceito; Violência Escolar; Intimidação Sistemática.

[1] Universidade de Fortaleza

ABSTRACT: School bullying is a social problem that has worried educators and researchers. Although there is a traditional definition of bullying, there are other understandings that expand or problematize the hegemonic view. This study aims to understand the meanings present in the definitions of bullying in scientific research, between the years 2018 and 2022, observing whether there are similarities with the theme of prejudice. An integrative review was carried out in two databases (SciELO and PubMed), based on the descriptors Bullying AND Escola, in Portuguese and published between 2018 and 2022. The research corpus was composed of 21 articles carried out in Brazil. The results indicated that most studies are based on the traditional definition of bullying and only one problematizes this understanding. Regarding the approximation between the concepts of bullying and prejudice, three different discursive categories appeared in the total number of articles reviewed: in eight articles, no approximations between the concepts of bullying and prejudice were observed; in another six, the relationship between concepts appears indirectly, without problematizing this approach; and in seven articles, this approach is explained and problematized. In the latter, for example, the greater exposure to the experience of bullying on the part of black students, the LGBT+ community and women are discussed. It is concluded that the traditional definition of bullying is present in research, however tensions were observed as studies that bring bullying together with different expressions of prejudice.

Keywords: Bullying; School; Prejudice; School Violence; Systematic Intimidation.

Introdução

A violência entre pares no contexto escolar é uma problemática social que tem alertado educadores e pesquisadores (Tessaro et al., 2023). Segundo Rocha e Cerqueira-Santos (2019), a violência escolar é um problema de saúde pública, que gera consequências negativas na vida de alunos, professores, gestores, funcionários e familiares, e que tem se naturalizado.

Dentro desse campo, tem se destacado o fenômeno do bullying. Para alguns autores, o bullying é um tipo específico de violência ou uma subcategoria do

comportamento agressivo que, embora não ocorra apenas no espaço escolar, tem nele suas principais expressões (Chaves & Souza, 2018; Coelho, 2016; Lopez et al., 2011).

No contexto brasileiro, a preocupação com esse tipo de violência se concretizou por meio da *Lei nº 13.185*, *de 6 de novembro de 2015* que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), conhecida como lei antibullying, de 2015. Essa lei utiliza, em seu texto, a expressão intimidação sistemática como sinônimo para bullying. Segundo ela, intimidação sistemática ou bullying é:

> todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015).

Para a lei, o bullying pode ter oito diferentes classificações, de acordo com as ações praticadas: verbal (insultar, xingar e apelidar pejorativamente); moral (difamar, caluniar, disseminar rumores; sexual: assediar, induzir e/ou abusar); social (ignorar, isolar e excluir); psicológica (perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar); físico (socar, chutar, bater); material (furtar, roubar, destruir pertences de outrem); e virtual (depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social).

Apesar das mobilizações promovidas pela lei, das preocupações dos educadores e dos esforços dos pesquisadores, o bullying ainda se apresenta como um importante desafio para a educação (Tessaro et al., 2023). Em 2024, as práticas da intimidação sistemática ou bullying e do cyberbullying foram criminalizadas no Brasil por meio da *Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024*.

A identificação e conceituação do bullying são atribuídas a Dan Olweus, na década de 1970, na Noruega (Batista & Zan, 2013). No Brasil, o tema recebeu bastante interesse a partir dos anos 2000 (Bazzo, 2020). Muitos estudiosos têm se interessado e se preocupado com essa violência no âmbito escolar por considerarem o bullying um grave e complexo problema social (Batista, 2013; Chaves & Souza, 2018).

Em termos gerais, o bullying é definido como um tipo de violência entre pares, caracterizado por ser: a) repetitivo, b) intencional, e c) ocorrer em uma relação de desigualdade de poder entre os envolvidos (Coelho, 2016; Chaves & Souza, 2018; Bazzo, 2020). Além desses três fatores, um quarto aspecto que define o bullying é a ausência de uma motivação clara, sendo uma violência que ocorre aparentemente sem causa evidente (Lopes, 2005). No entanto, autores como Chaves e Souza (2018) argumentam que o bullying pode estar associado a preconceitos, uma vez que características físicas ou sociais que levam à estigmatização ou estereótipos de grupo, como obesidade, raça ou gênero, frequentemente estão na base da escolha de vítimas. Dessa forma, o preconceito se torna um fator mobilizador do bullying, vinculado a estereótipos e discriminações.

A definição de Olweus é a mais popular nos textos acadêmicos (Valle & Stelko-Pereira, 2020) e muito difundida entre autores brasileiros. Para essa perspectiva, existe uma dinâmica específica do bullying, nomeada bullying circle, composta de papéis em virtude das ações manifestadas por cada pessoa envolvida (Lopez et al., 2011; Chaves & Souza, 2018). Nesse sentido, há uma categorização a respeito dos papéis de quem pratica (autor/agressor/*bully*), de quem assiste (testemunha), de quem recebe a violência (alvo/vítima/*deal*), de quem tanto pratica quanto recebe a violência (autor/alvo), existindo ainda uma subdivisão entre a vítima passiva e a vítima provocadora (Chaves & Souza, 2018; Fante, 2005; Lopez et al., 2011; Silva, 2015).

Há também uma tentativa de delimitar o provável perfil de quem experimenta esses papéis. Segundo Lopes (2005), o aluno-alvo seria uma pessoa pouco sociável, com baixa autoestima, insegura e que não se reconhece como adequada ao grupo; o aluno-agressor teria como característica ser popular e impulsivo, apresentar comportamentos antissociais, considerar sua agressividade como um aspecto positivo, ter opiniões favoráveis acerca de si mesmo, ser geralmente mais forte que seu alvo, apresentar prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outras pessoas.

Essa visão iniciada por Olweus, compartilhada por autores e pesquisadores brasileiros (Bottan et al., 2020; Fante, 2005; Silva, 2015; Mota et al., 2018; Pigozi, 2018; Zamprogno et al., 2020) também é bastante disseminada entre os educadores e gestores educacionais. É comum que o bullying apareça nos discursos dos gestores e professores como um fenômeno autoevidente, ou seja, ao se enunciar alguma situação na escola como bullying, parece que tudo já foi dito, cabendo apenas informar quem são os agressores e quem são as vítimas. Contudo, segundo Barros e Bessa (2021), a autoevidência do bullying, bem como a explicação dos episódios de bullying como sendo resultado dos desvios de personalidades dos estudantes, desencadeia uma despolitização da violência, uma vez que as questões sociais, culturais e institucionais, que atravessam o bullying, são deixadas em segundo plano.

A referência feita por Barros e Bessa (2021) às questões macrossociais presentes no contexto do bullying, abre espaço para o entendimento de que a definição de bullying apresentada até este momento neste artigo é uma visão dominante, mas não unânime nem consensual. Existem, outrossim, diferentes visões a respeito de bullying, desde uma perspectiva tradicional/dominante, em que o situa no contexto das relações interpessoais, amparado em características da personalidade; até perspectivas mais críticas que defendem, por exemplo, que o conceito de bullying pertence a uma ciência pragmática

que atende à manutenção da ordem social desigual vigente em detrimento da emancipação dos indivíduos (Antunes & Zuin, 2008).

Pesquisas, numa perspectiva crítica, têm demonstrado o entrelaçamento das violências estruturais e cotidianas da sociedade contemporânea brasileira ao fenômeno do bullying. Araújo et al. (2022) identificaram episódios de bullying LGBTQIA+fóbico presenciados por alunos em contexto universitário. Souza et al. (2015) verificaram a aproximação entre bullying e homofobia em ambiente escolar. Gonçalves et al. (2021) descreveram o racismo e a LGBTfobia como base para práticas do bullying. Batista (2013) observou preconceito étnico-racial manifesto nos comportamentos de bullying em escolas. Batista e Zan (2013) ao analisarem o bullying no convívio escolar, observaram a presença de concepções estereotipadas e preconceituosas no que diz respeito às diferenças quanto aos padrões de beleza, raça, cor, gênero e sexualidade. Costa et al. (2012) discutiram a relação entre bullying e a obesidade infantil.

Seguindo essa perspectiva crítica, o bullying não é visto como um fenômeno sem motivação evidente, ao contrário, é relacionado às diversas formas de violências estruturais presentes na sociedade. Nesse sentido, é possível aproximar a definição de bullying ao conceito de preconceito, principalmente quando se observam os fatores sociais que determinam os grupos-alvo dessa violência (Antunes & Zuin, 2008). Compreende-se o preconceito como uma atitude aversiva ou hostil, direcionada a uma pessoa simplesmente pelo fato dela pertencer a um determinado grupo socialmente desvalorizado (Allport, 1954). Por ser uma atitude, o preconceito tem componentes cognitivos (crenças e estereótipos), afetivos (antipatias e aversões) e volitivos (tendências para a discriminação). Existem muitos e diferentes preconceitos, de acordo com cada grupo socialmente minorizado na estrutura de poder (Lima, 2023).

Para Souza et al. (2020), o bullying é uma expressão de preconceito; a escola reproduz a violência estrutural da sociedade; os indivíduos alvos de bullying são membros de minorias sociais; e o bullying é consequência de relações sociais assimétricas. Batista (2013) problematiza o fenômeno bullying relacionando-o às diferenças de raça, etnia, gênero e padrões de beleza, que são entendidas, por sua vez, como uma questão política. Reis e Carvalho (2017) entendem que o bullying é a manifestação de preconceitos contra aqueles que escapam dos padrões normativos da sociedade, como acontece no bullying homofóbico, em que quem foge do padrão heteronormativo se torna alvo de violência física e/ou psicológica. Chaves e Souza (2018), na mesma direção, denunciam possível processo, no contexto escolar, de naturalização do bullying, além de entenderem que há uma "estreita relação desse fenômeno com o preconceito como reatualizações da barbárie na atualidade" (Chaves & Souza, 2018, p. 3).

Para Carapello (2020), a violência do racismo precisa ser entendida como distinta da violência do bullying, embora o bullying camufle o racismo. Para a autora, se o bullying, na definição tradicional, não tem uma motivação específica, o racismo, que tem uma origem, um alvo e uma motivação distinta, não pode ser considerado bullying. Contudo, no dia a dia escolar, as situações de racismo não são identificadas desta forma e sim como bullying, o que dificulta seu combate e sua transformação. A visão hegemônica acerca do bullying, desta forma, ignora o racismo estrutural brasileiro (Batista, 2013).

É possível identificar, portanto, uma disputa de sentido nas definições de bullying na literatura contemporânea brasileira. A partir desse panorama, este artigo apresenta uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de compreender os sentidos presentes nas definições de bullying nas pesquisas científica, entre os anos 2018 e 2022, observando se há aproximações do bullying com a temática do preconceito.

Método

Tipo de estudo

A pesquisa qualitativa é uma importante estratégia para o estudo das relações sociais e das negociações de sentido presentes nessas relações. Sem se pretender universal, neutra, objetiva ou rígida, a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador escrever, compreender e interpretar os fenômenos de forma profunda, reconhecendo seus próprios valores e crenças (Flick, 2009). A pesquisa qualitativa também se caracteriza por ser uma investigação flexível que se constrói ao longo da própria pesquisa (Jungenson, 2012). Ademais, permite construir novos argumentos e desenvolver novas descobertas, o que é extremamente importante para o avanço da ciência (Flick, 2009; Sampiere et al., 2013).

A revisão da literatura é um tipo de pesquisa qualitativa e constitui-se uma etapa crucial na pesquisa científica. A revisão fornece um conhecimento profundo sobre o assunto e permite que se reconheçam fatores que são relevantes para o levantamento de problemas de pesquisa, bem como que se identifiquem lacunas que podem ser preenchidas por pesquisas futuras (Sampiere et al., 2013). Desse modo, ao realizar uma revisão da literatura com base em dados qualitativos, é possível explorar questões abordadas e construir argumentos mais sólidos para chegar a conclusões seguras. Isso é fundamental para que novas descobertas sejam possíveis.

Entre as diferentes revisões de literatura, a revisão integrativa possibilita, por meio de uma ampla pesquisa literária, a identificação, análise e síntese de resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento da temática investigada (Souza et al., 2010).

O presente estudo trata, portanto, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza exploratória, realizada no formato de revisão integrativa da literatura acerca dos

sentidos presentes nas definições de bullying em pesquisas científicas, considerando as aproximações ou distanciamentos do bullying com a temática do preconceito. A revisão proposta tem como ponto de partida a seguinte questão: quais os sentidos presentes nas definições de bullying nas pesquisas científicas, entre os anos de 2018 e 2022?

Bases indexadoras e unitermos empregados

O levantamento dos atigos foi realizado nas bases de dados SciELO e PubMed, a partir dos descritores Bullying e Escola, no idioma português, associados ao operador booleano AND. Embora exista a intenção de analisar de forma conjunta os fenômenos do bullying e do preconceito, optou-se por não incluir preconceito como um descritor, com o intuito de permitir uma busca abrangente para, justamente, captar os diferentes sentidos presentes nas definições de bullying nos artigos disponíveis. A escolha por pesquisas científicas mais recentes, entre 2018 e 2022, justifica-se no reconhecimento de que, nos últimos anos, a sociedade brasileira, incluindo crianças e adolescentes em idade escolar, sofreu recrudescimento concernente aos casos de violação de direitos, de um modo geral, e de preconceito, de forma mais específica (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021), além de achados de pesquisas que indicam relações entre casos de bullying escolar e contextos favoráveis ao preconceito (Souza et al., 2020).

Critérios de Inclusão e de Exclusão

Os critérios de inclusão adotados foram os seguintes: estudo qualitativo ou quantitativo original; publicado em formato de artigo em periódicos científicos; realizado no Brasil; texto completo redigido em português; estar dentro do período de 2018 a 2022 e apresentar dados sobre bullying no ambiente escolar. Foram adotados como critérios de exclusão: estudos que não respondiam à questão norteadora ou que se distanciavam do objetivo de estudo; artigos de revisão de literatura; artigos que tratavam de cyberbullying (ver Figura 1).

Procedimentos de Coleta de Dados

O levantamento dos dados foi realizado no mês de outubro de 2022 e percorreu as seguintes etapas: busca inicial nas bases de dados SciELO e PubMed a partir dos termos e da combinação definida; aplicação de filtros de acordo com os critérios de inclusão e exclusão; leitura dos títulos e resumos para segunda filtragem em concordância com os critérios estabelecidos; recuperação dos artigos; leitura na íntegra dos artigos que compuseram o corpus deste trabalho; preenchimento de planilha com os tópicos: título, autores, ano de publicação, periódico, região de origem do 1º autor, delineamento do estudo, objetivos, participantes, instrumentos, principais resultados, sentidos de bullying, o que aparece relacionado ao preconceito e o que aparece relacionado ao público-alvo do bullying; por fim, discussão dos artigos.

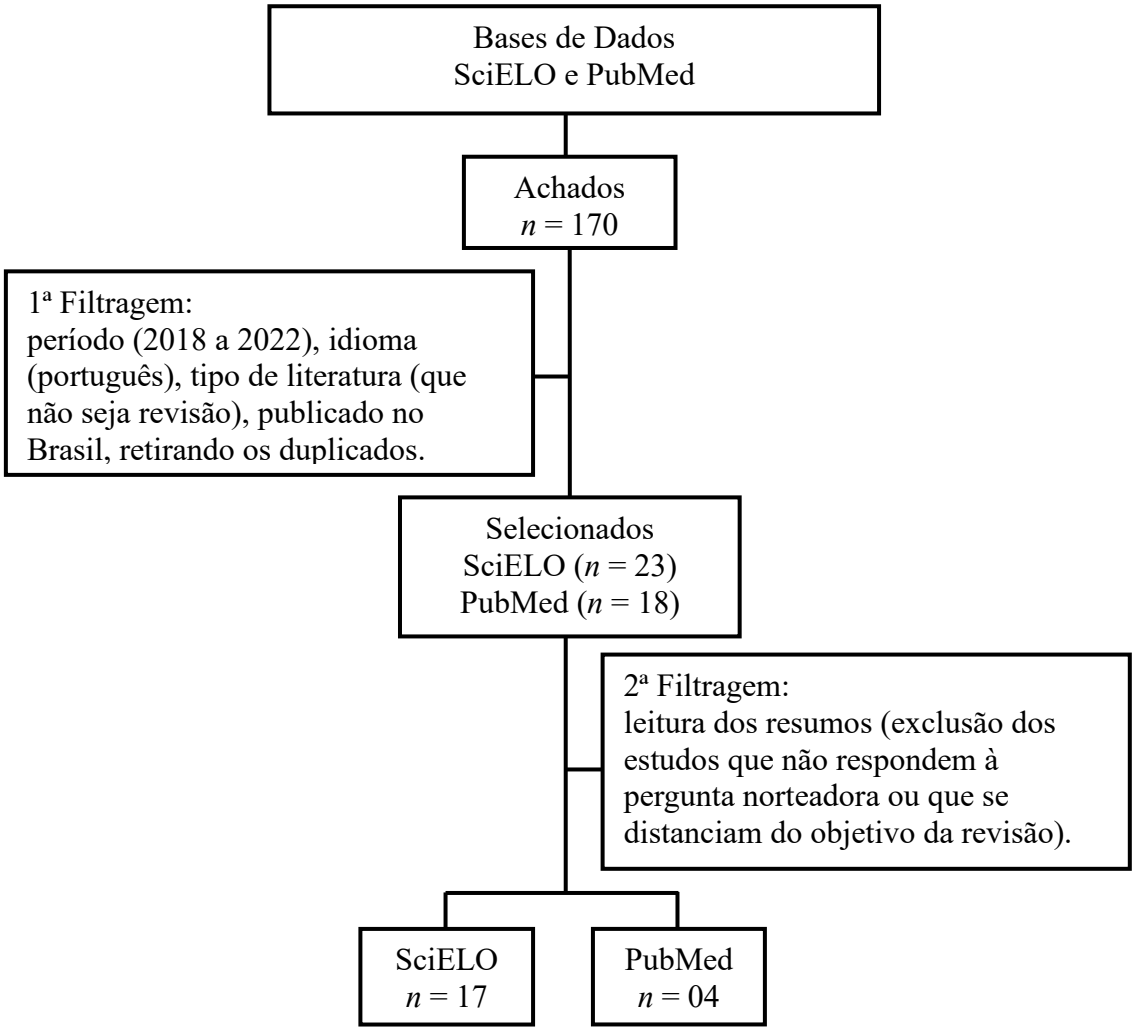
Procedimentos de Análise de Dados

A análise dos dados extraídos dos artigos se deu em duas etapas: uma inicial em que foram feitas sínteses dos dados objetivos e uma segunda em que os textos foram analisados por meio da Análise de Discurso Crítica (ADC), situada na tradição qualitativa interpretativista (Magalhães et al., 2017).

Para a ADC, os elementos textuais são artefatos para a compreensão das práticas discursivas e sociais. Assim, intentou-se explicitar as tensões e negociações de sentido das definições de bullying, buscando aprofundamento na relação entre bullying e preconceito, sobretudo no que diz respeito às questões ideológicas e ao acesso desigual ao poder, segundo os preceitos de Fairclough (2001) e Chouliaraki e Fairclough (1999).

Figura 1

Fluxograma de busca, seleção e elegibilidade dos estudos



Fonte. Elaborado pelos autores.

Resultados e Discussão

O corpus desta revisão foi composto por 21 artigos. Os anos de maior evidência foram os de 2018 e 2020, com seis publicações cada (ver Tabela 1). Com relação ao país/região de origem dos autores, apenas um artigo tem seu autor da Espanha, os demais são brasileiros, distribuídos nas seguintes regiões do país: Norte (*n* = 1); Nordeste (*n* = 5); Sul (*n* = 3); Sudeste (*n* = 11). A distribuição geográfica das publicações demonstra que a preocupação com o bullying se dá em quase todas as regiões do país, com relativa concentração na região sudeste (52,39%). O periódico com mais publicações foi o Ciência

& Saúde Coletiva, com cinco artigos, seguido pelos periódicos Psicologia Escolar e Educacional e Revista Brasileira de Epidemiologia com dois artigos cada.

Tabela 1

Descrição dos artigos

Autores/Ano	Título	Periódico	Objetivo do artigo
Alcantara et al. (2019)	Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar	Ciência & Saúde Coletiva	Analisar as implicações da violência entre pares no contexto escolar, do clima escolar e da percepção dos contextos de desenvolvimento no bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes.
Alencastro et al. (2020)	Teatro do Oprimido e bullying: atuação da Enfermagem na saúde do adolescente escolar	Revista Brasileira de Enfermagem	Avaliar os efeitos de uma intervenção baseada no Teatro do Oprimido na redução do bullying escolar
Bitencourt et al. (2020)	Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo bullying em escolas: uma análise de rede bayesiana	Revista Paulista de Pediatria	Analisar o gerenciamento de conflitos do tipo bullying pelos gestores de escolas de ensino fundamental, na faixa etária de 6 a 12 anos.
Bottan et al. (2020)	Intervenção breve antibullying para adolescentes em escolas públicas	Revista Gaúcha de Enfermagem	Avaliar os resultados de uma intervenção breve antibullying para adolescentes de escolas públicas.
Faria et al. (2022)	"Mar de bullying": turbilhão de violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na escola	Educação e Pesquisa	Compreender as vivências e os sentidos do bullying experienciados por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades.
Malta et al. (2019)	Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015	Ciência & Saúde Coletiva	Analisar a prevalência de sofrer bullying e fatores associados à vitimização em escolares brasileiros, na terceira edição da PeNSE 2015.
Malta et al. (2022)	Bullying entre adolescentes brasileiros: evidências das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, Brasil, 2015 e 2019	Revista Latino-Americana de Enfermagem	Estimar a prevalência de indicadores referentes ao bullying entre escolares brasileiros de 13 a 17 anos e comparar sua ocorrência entre 2015 e 2019.

Mello et al. (2018)	Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2009 a 2015	Revista Brasileira de Epidemiologia	Comparar a tendência de bullying nas capitais brasileiras, considerando as edições da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2009, 2012 e 2015, e descrever na amostra de 2015 a prevalência do bullying por sexo, idade e dependência administrativa da escola.
Mezzalira et al. (2021)	Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying	Psicologia Escolar e Educacional	Problematizar com os professores a temática do bullying na escola.
Mota et al. (2018)	Adolescentes escolares: associação entre vivência de bullying e consumo de álcool/drogas	Texto & Contexto Enfermagem	Estimar a prevalência de alto risco para a vivência de bullying por adolescentes escolares e sua associação com o uso de álcool/ drogas.
Oliveira et al. (2018)	Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes	Ciência & Saúde Coletiva	Conhecer as dimensões de concepções de estudantes sobre o bullying.
Pigozi (2018)	A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar	Physis: Revista de Saúde Coletiva	Compreender como a produção subjetiva do cuidado a um adolescente vítima de bullying ocorre em sua comunidade.
Russo (2020)	Associação entre vitimização por bullying e índice de massa corporal em escolares	Cadernos de Saúde Pública	Investigar a associação entre vitimização por bullying e índice de massa corporal (IMC) em escolares brasileiros.
Santos & Silva (2021)	O corpo no ensino médio: uma análise da percepção corporal dos estudantes do Rio de Janeiro	Journal of Physical Education	Investigar a percepção corporal dos estudantes do Ensino Médio em escolas estaduais do Rio de Janeiro, a partir da perspectiva filosófica de Michel Foucault e da sociologia de David Le Breton.
Santos & Faro (2018)	Bullying entre adolescentes em Sergipe: estudo na capital e interior do estado	Psicologia Escolar e Educacional	Conhecer a distribuição social do bullying em uma amostra de adolescentes no Estado de Sergipe.
Silva et al. (2021)	A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares	Ciência & Saúde Coletiva	Estimar a prevalência de agressores de bullying e identificar os fatores relacionados a este comportamento em adolescentes escolares do Recife.

Silva et al. (2019)	Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015	Epidemiologia e Serviços de Saúde	Identificar a prática de bullying referida por estudantes brasileiros, segundo o sexo, a idade e a localização geográfica.
Silva et al. (2018)	Autopercepção negativa de saúde associada à violência escolar em adolescentes	Ciência & Saúde Coletiva	Verificar a associação entre autopercepção negativa em saúde e violência escolar em adolescentes estudantes do Município de Olinda – PE.
Sousa et al. (2019)	Uso de drogas e bullying entre Adolescentes Brasileiros	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Avaliar possíveis relações entre uso de drogas e envolvimento em bullying entre adolescentes escolares.
Veloso et al. (2020)	Vitimização por bullying e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: estudo populacional	Revista Brasileira de Epidemiologia	Analisar fatores escolares, sociodemográficos, nutricionais e de percepção corporal e comportamental associados à vitimização por bullying entre estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos.
Zamprogno et al. (2020)	Experiências de violência na escola na percepção de pacientes com gagueira	Revista CEFAC	Caracterizar os pacientes com gagueira persistente em idade escolar, quanto às experiências de violência no contexto escolar, autorrelatadas pelos mesmos.

Fonte. Elaborado pelos autores.

Quanto ao delineamento dos estudos, 14 artigos apresentaram pesquisas quantitativas, cinco apresentaram pesquisas qualitativas e dois apresentaram delineamento misto. No que se refere aos objetivos, sete artigos estimaram a prevalência de algum indicador relacionado ao fenômeno bullying (Mello et al., 2018; Mota et al., 2018; Santos & Faro, 2018; Silva et al., 2019; Malta et al., 2019; Silva et al., 2021; Malta et al., 2022); quatro tiveram como interesse investigar fatores relacionados à ocorrência de bullying (Silva et al., 2018; Sousa et al., 2019; Russo, 2020; Veloso et al., 2020); quatro investigaram as vivências, autopercepções ou sentidos sobre o bullying entre estudantes (Oliveira et al., 2018; Zamprogno et al., 2020; Santos & Silva, 2021; Faria et al., 2022); dois avaliaram as percepções ou atitudes de educadores no contexto de bullying escolar

(Bitencourt et al., 2020; Mezzalira et al., 2021); dois investigaram os efeitos de alguma intervenção de combate ao bullying (Alencastro et al., 2020; Bottan et al., 2020); um se interessou pelo impacto do bullying no bem-estar subjetivo (Alcantara et al., 2019); e outro pela produção subjetiva do cuidado (Pigozi, 2018). Esses dados mostram a maior presença de estudos quantitativos, que se interessam mais por analisar prevalências e fatores relacionados à ocorrência do fenômeno bullying, totalizando 11 artigos.

Os resultados foram organizados considerando dois aspectos: os sentidos nas definições de bullying presentes nos 21 artigos analisados e as aproximações e distanciamentos entre bullying e preconceito. Nesse segundo tópico, trabalhou-se com três categorias discursivas: ausência dessa relação; relação indireta e sem problematização; relação direta e com problematização.

Os sentidos nas definições de bullying

Acerca da definição de bullying adotada nos 21 artigos analisados, os autores de 19 artigos se fundamentaram na visão tradicional, que define bullying como uma ação violenta, entre pares, repetitiva, intencional, com desigualdade de poder entre os envolvidos e sem motivação aparente. Os autores de dez desses 19 artigos acrescentaram na definição algum tipo de classificação. A saber, quanto ao modo de violência, se direta (quando o comportamento ocorre na presença do agressor) ou indireta [quando não há comunicação presencial entre a vítima e o agressor] (Bottan et al., 2020; Faria et al., 2022; Mota et al., 2018; Santos & Faro, 2018; Zamprogno et al., 2020); quanto à forma de violência, se física, verbal ou psicológica (Mota et al., 2018; Santos & Faro, 2018; Silva et al., 2018; Bottan et al., 2020; Russo, 2020; Zamprogno et al., 2020; Silva et al., 2021); quanto às formas de envolvimento, se na condição de autor, alvo, testemunha e alvo e autor (Mello et al., 2018; Mota et al., 2018; Sousa et al., 2019; Bottan et al., 2020)

e quanto à ausência de uma motivação evidente (Santos & Faro, 2018; Silva et al., 2021; Faria et al., 2022).

Malta et al. (2019) recorreram à Lei brasileira nº 13.185/15 para conceituar bullying, que, por sua vez, segue a definição tradicional. Em outros 3 artigos, são feitas referências a essa mesma Lei (Mello et al., 2018; Mota et al., 2018; Bottan et al., 2020). Acerca dessa Lei é importante pontuar que, por um lado, ela ajuda a chamar a atenção da sociedade para as diferentes situações de violência dentro do contexto escolar, contribuindo para a problematização do que antes era considerado brincadeira, mas que deixava muitas marcas negativas entre os envolvidos. Por outro lado, ela fortalece a visão do bullying como um fenômeno restrito às relações interpessoais, deixando intacto os aspectos sociais que podem contribuir para a emergência dessa prática, como a violência estrutural pautada em diferentes formas de preconceito (Souza et al., 2020).

Entre os 21 artigos analisados, apenas um foi fundamentado em uma definição crítica de bullying. Mezzalira et al. (2021) recorreram, por um viés histórico, ao conceito tradicional, mas esclareceram que esse entendimento tem sido questionado por vários outros pesquisadores por representar uma compreensão simplista, de caráter individualista, amparada na culpabilização e vitimização dos envolvidos. Segundo os autores, a concepção tradicional do bullying gera equívocos no enfrentamento do bullying escolar, bem como, dificulta o combate às outras formas de violência como a LGBTfobia, misoginia e racismo. Além disso, Mezzalira et al. (2021) afirmaram que o bullying escolar tem sido compreendido como um problema pontual, sem ligação com a totalidade social, institucional e individual, ao passo que deve ser entendido como um reflexo das relações sociais, atravessado por causas sociais e individuais que se afetam mutuamente.

Por fim, não apareceu nenhuma definição sobre bullying em um dos artigos analisados (Santos & Silva, 2021). A ausência de definição faz parecer que, na percepção

dos autores, trata-se de um conceito autoevidente, que não precisa ser explicado para se saber o que é, como é comum nos discursos dos profissionais que atuam no âmbito educacional na atualidade.

De um modo geral, os estudos que compõem o corpus dessa revisão, por mais que façam alguma relação às questões macrossociais, amparam-se no conceito tradicional de bullying. Segundo Antunes e Zuin (2008), quando a violência (que eles nomeiam de barbárie) passa por um tratamento de classificação e de quantificação, existe uma tentativa de controlá-la. "O conceito de bullying coloca tudo em seu lugar, tenta arrumar e justificar aquilo que fere a ideologia democrática, e acaba por mascarar as tensões e contradições que estão na base da própria barbárie" (Antunes & Zuin, 2008, pp. 39-40). Desse modo, esquadrinhar cientificamente o fenômeno do bullying acaba por naturalizá-lo, pois, ao convertê-lo em números e dados estatísticos, deixa-se de lado a raiz de sua existência (Antunes & Zuin, 2008; Chaves & Souza, 2018). Contudo, reconhecer que a quantificação pode ter limitações ao reduzir o fenômeno a números e dados não significa negar sua importância. Pelo contrário, sugere que essa abordagem deve ser complementada por análises qualitativas, que explorem fatores sociais e subjetivos relacionados ao preconceito e à violência entre pares. Como aprontam Antunes e Zuin (2008), à luz das ideias de Adorno e Horkheimer, o conceito de bullying se aproxima do conceito de preconceito, principalmente, quando se observam os fatores sociais que determinam os grupos-alvo e os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores.

Nesse ponto, pode-se supor que a literatura científica analisada reforça o discurso hegemônico sobre bullying, situando-o no contexto das relações interpessoais isolado das problemáticas estruturais da sociedade. Embora na análise apresentada não esteja evidenciado como as publicações nas áreas de educação, saúde ou psicologia impactam

a forma como o bullying é apresentado, é relevante notar que esses discursos repercutem na prática, como observado na elaboração do principal instrumento legal sobre o tema, a Lei 13.185 de 2015. Essa lei concentra sua definição e ações nos aspectos interpessoais do problema, sem abordar de maneira explícita os aspectos estruturais e macrossociais que contribuem para a perpetuação do bullying. Os discursos encontrados, com exceção de Mezzalira et al. (2021), não problematizam os fatores sociais e institucionais que atravessam o bullying escolar. Dessa forma, essa literatura pode agir ideologicamente na manutenção das desigualdades de poder, uma vez que as ideologias se reproduzem como se fossem uma estratégia natural e válida por aqueles que as elaboram e compartilham (Oliveira, 2015).

Bullying e Preconceito

A respeito das aproximações e distanciamentos entre as noções de bullying e preconceito, foi possível organizar os estudos em três diferentes categorias discursivas: ausência dessa relação (oito artigos); relação indireta e sem problematização (seis artigos); relação direta e com problematização (sete artigos). Na primeira categoria estão oito artigos, nos quais não foi observada qualquer aproximação entre bullying e preconceito (Pigozi, 2018; Silva et al., 2018; Alcantara et al., 2019; Malta et al., 2019; Sousa et al., 2019; Alencastro et al., 2020; Bottan et al., 2020; Santos & Silva, 2021).

Na segunda categoria, estão seis artigos que relacionaram de forma indireta bullying e preconceito. Essa aproximação pode ser percebida a partir das características dos estudantes que, segundo os estudos, fizeram aumentar os riscos para algum estudante vir a ser alvo do bullying. Porém, os autores não problematizam essa aproximação. Zamprogno et al. (2020) afirmaram que um grupo de risco para bullying tem sido os escolares com dificuldades comunicativas ou transtornos da linguagem. No estudo de Santos e Faro (2018), as meninas foram as vítimas mais frequentes. Bitencourt et al.

(2020) referiram-se aos termos obeso e cor da pele como aqueles relacionados às crianças mais suscetíveis a se tornarem vítimas de bullying. Russo (2020) mencionou a aparência do próprio corpo como um dos principais motivos de ocorrência de bullying e apontou resultados em que as meninas pretas e os escolares abaixo ou acima do peso apresentam maior probabilidade de vitimização por bullying. Para Russo (2020), as questões culturais podem explicar essa relação, contudo não aprofunda essa discussão. Esses quatro trabalhos não discutiram a origem dessa violência, nem fizeram menção ao capacitismo, ao racismo, à gordofobia ou ao sexismo, embora os grupos que são indicados como alvo do bullying nesses estudos sejam minorias sociais associadas a esses preconceitos.

Além desses artigos supracitados, outros dois (Veloso et al., 2020; Silva et al., 2021) compõem a segunda categoria discursiva. Veloso et al. (2020) apresentaram a relação entre maior propensão para sofrer bullying e o fato de o estudante se considerar uma pessoa gorda, o que também apareceu em estudos de países europeus e norte-americanos. Na análise desses autores, a dificuldade da vítima em aceitar suas próprias características físicas está relacionada à maior probabilidade em sofrer bullying. O que chama atenção por parecer culpabilizar a vítima. Embora não tenha aparecido no artigo referências à possibilidade da gordofobia ser um aspecto importante para a análise aprofundada desses dados, os autores orientaram para que o bullying viesse a ser analisado sob a perspectiva histórico-cultural, bem como considerado como um reflexo da tendência social de agredir àqueles que são tidos como diferentes. E, em outra situação, Silva et al. (2021) fizeram relação entre preconceito e bullying, mas apenas para o caso de o agressor ter sido discriminado, em momento pregresso, com relação à sua cor da pele, orientação sexual ou aparência física.

De um modo geral, os resultados dessa segunda categoria discursiva, ao indicarem fatores associados ao risco de sofrer bullying, tensionam a versão clássica de bullying que

considera, como uma de suas características, a ausência de motivos para esse tipo de violência. A respeito disso, Antunes & Zuin (2008, p. 36) alegam que o bullying “não é, de maneira alguma, uma simples manifestação da violência sem qualquer fator determinante”. Para esses autores, se fatores estão presentes, não basta mencioná-los, eles devem ser analisados, problematizados e interpretados (Antunes & Zuin, 2008).

Na terceira e última categoria discursiva, estão sete artigos que reconheceram a relação direta entre bullying e preconceito, como também problematizaram essa relação. Faria et al. (2022) analisaram os riscos que a comunidade LGBT+ sofre por ser recorrentemente alvo de bullying. Mezzalira et al. (2021) dissertaram sobre as reflexões da equipe escolar acerca das perseguições constantes e repetitivas em interligação com o preconceito presente na escola. Os educadores ouvidos na pesquisa chegaram a se questionar: “haveria bullying em uma sociedade em que não houvesse preconceito?" (Mezzalira et al., 2021, p. 3).

Mota et al. (2018) refletiram sobre a predominância de adolescentes mulheres como vítima e de adolescentes homens como agressores fazendo articulação à desigualdade de gênero que forma a identidade masculina e feminina no Brasil. Esses autores também problematizaram, a partir do racismo institucional, a maior exposição dos estudantes de raça negra à vivência de bullying. Já Mello et al. (2018, p. 11) declararam que “o bullying é expressão de preconceito, da intolerância, a negação da diversidade”, sendo, portanto, o reflexo dos contextos sociais de exclusão em que os estudantes estão inseridos, como a família, a escola e a sociedade. E Malta et al. (2022), ao analisarem que, na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), o relato de sofrer bullying foi mais frequente entre as meninas, discutiram esse dado à luz da masculinidade hegemônica presente no contexto escolar brasileiro.

Oliveira et al. (2018) destacaram a importância de os programas de prevenção e intervenção escutarem os sentidos atribuídos ao bullying por parte dos estudantes. No ínterim da pesquisa, esses autores perceberam que há uma ampliação do conceito de bullying, por parte dos adolescentes participantes, ao se referirem explicitamente às situações de preconceito e discriminação.

Por fim, Silva et al. (2019) levantaram a possibilidade de as características multiculturais e étnico-raciais do território brasileiro corroborarem para as diferenças entre as regiões geográficas e servirem de marcadores de vulnerabilidade para a ocorrência do bullying entre pares. “Nesse sentido, a desigualdade e a diversidade, as formas de convivência e (re)construção das relações se materializam na violência, exclusão e segregação do próximo ou daquele diferente de si." (Silva et al., 2019, p. 7). Diante dos dados que apontaram que os meninos praticam mais bullying do que as meninas, esses mesmos autores também levantam a possibilidade de isso ser justificado pelas exigências culturais relacionadas à imagem da masculinidade hegemônica dessa sociedade.

Os discursos desses últimos artigos desnaturalizam a visão hegemônica do bullying ao relacionarem esse tipo de violência às problemáticas sociais, características da sociedade brasileira também presentes no cotidiano escolar, tais como desigualdade de gênero, racismo e lgbtfobia. Ao colocarem foco nas questões sociais, culturais e institucionais associadas ao bullying, esses estudos entram na disputa discursiva (Chouliaraki & Fairclough, 1999) acerca dos sentidos nas definições de bullying e explicitam o caráter político desse tipo de violência.

Considerações Finais

A presente revisão integrativa, de cunho qualitativo, pretendeu compreender as definições de bullying presentes nas pesquisas científicas publicadas entre 2018 e 2022,

identificando aproximações ou distanciamentos com a temática do preconceito. Para tanto, pretendeu-se capturar os sentidos das definições de bullying e a relação entre bullying e preconceito nos 21 artigos que compuseram o corpus dessa revisão.

Os estudos analisados, com exceção de dois, ampararam-se no conceito tradicional de bullying. Já com relação à aproximação ou distanciamento do conceito de bullying ao de preconceito, apareceram artigos em que não há essa aproximação, outros em que há aproximação, mas de forma indireta e sem problematização e ainda artigos em que os autores fizeram explicitamente essa aproximação, problematizando o bullying escolar a partir de uma visão contextualizada com as questões macrossociais. Esses últimos tensionaram as definições tradicionais de bullying, abrindo possibilidades para novas reflexões com educadores e pesquisadores acerca desse tipo de violência, considerando as dimensões sociais, culturais e institucionais que o atravessam, bem como convocando a escola para que repense as estratégias voltadas para o seu enfrentamento.

Entende-se como limitação dessa pesquisa o não aprofundamento com relação ao que os estudos que fizeram menção ao preconceito entendem acerca desse termo, uma vez que foram percebidas diferentes apropriações teóricas ao seu respeito. Outra limitação foi a quantidade de base de dados pesquisada, sinalizando, portanto, abertura para estudos futuros que ampliem essas bases, bem como que incluam outros descritores, contemplando também estudos realizados em outros países.

Embora façamos essas considerações, esta revisão integrativa da literatura contribuiu com um conhecimento aprofundado e crítico sobre a relação entre bullying e preconceito, destacando fatores essenciais na análise e aproximação desses construtos teóricos. Defendemos que, a partir dos achados apresentados, estudos futuros possam contribuir para preencher lacunas ainda existentes nesse campo de investigação, fornecendo argumentos mais sólidos e conclusões mais precisas que contribuam para a

evolução do conhecimento sobre o bullying. Ressaltamos, por fim, que o uso da abordagem qualitativa neste trabalho contribuiu para uma análise crítica que coloca em evidência o bullying como um problema social e político, abrindo possibilidades para outras questões de pesquisa e intervenções no contexto do bullying escolar no caminho da transformação social.

Referências

Alcantara, S. C., González-Carrasco, M., Montserrat, C., Casas, F., Viñas-Poch, F., & Abreu, D. P. (2019). Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Ciência & Saúde Coletiva*, *24*(2), 509-522. https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.01302017

Alencastro, L. C. S., Silva, J. L., Komatsu, A. V., Bernardino, F. B. S., Mello, F. C. M., & Silva, M. A. I. (2020). Teatro do Oprimido e bullying: atuação da Enfermagem na saúde do adolescente escolar. *Revista Brasileira de Enfermagem*, *73*(1), 1-7. https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0910

Allport, G. (1954). *The Nature of Prejudice*. Addison Wesley.

Antunes, D., & Zuin, A. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, *20*(1), 33-41. https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004

Araújo, M. C., Silva Júnior, J. C., França, R., & Gomes, J. C. (2022). Bullying, preconceito e violência lgbtqia+ fóbica em ambiente escolar: uma análise no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. *Diversidade e Educação*, *9*(2), 574-614. https://doi.org/10.14295/de.v9i2.13266

Barros, J. P., & Bessa, L. (2021) Violência Escolar e Patologização Infanto-Juvenil: problematizando discursos sobre bullying. In F. C. Lemos (Org.), *Foucault, Deleuze, Guattari e Lourau: encontros com a arqueogenealogia, esquizoanálise e análise institucional* (pp. 597-616). CRV.

Batista, E. H. (2013). Bullying e Preconceitos étnico-raciais. *Poiésis*, *7*(12), 302-323. https://doi.org/10.19177/prppge.v7e122013302-323

Batista, E. H., & ZAN, D. D. (2013) Bullying, Preconceito e Escola. *@rquivo Brasileiro de Educação*, *1*(1), 93-105. https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2013v1n1p93

Bazzo, J. (2020). Na captura de uma agência astuciosa: lições de uma etnografia com crianças sobre usos da noção de bullying. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, *20*(2), 248-258. https://doi.org/10.15448/1984-7289.2020.2.31448

Bitencourt, M., Hizukuri, T., Bitencourt, M. R., Alarcão, A. C., Carvalho, E. C., Andrade, L., Pelloso, S. M., & Carvalho, M. D. (2020). Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo bullying em escolas: uma análise de Rede Bayesiana. *Revista Paulista de Pediatria*, *39*, 1-7. https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2019079

Bottan, G., Vizini, S., Alves, P. F. O., Guimarães, L. S. P., Nascimento, B. P. , Rigatti, R., & Heldt, E. (2020). Intervenção breve antibullying para adolescentes em escolas públicas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, *41*, 1-9. https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190336

Carapello, R. (2020). O racismo camuflado pelo Bullying. *Revista Educação-UNG-Ser*, *15*(1), 171-178. https://doi.org/10.33947/1980-6469-v15n1-4018

Chaves, D. R., & Souza, M. (2018). Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. *Revista Brasileira de Educação*, *23*, 1-17. https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230019

Chouliaraki, L., & Fairclough, N. (1999). *Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh University Press.

Coelho, M. T. (2016). Bullying escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. *Revista Psicopedagogia*, *33*(102), 319-330. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300010

Costa, M., Souza, M., & Oliveira, V. (2012). Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores. *Educação e Pesquisa*, *38*(3), 653-665. http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v38n03/v38n03a08.pdf

Fairclough, N. (2001) *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Editora Universidade de Brasília.

Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Verus.

Faria, M. A., Gomes, M. C. A., & Modena, C. M. (2022). "Mar de bullying": turbilhão de violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na escola. *Educação e Pesquisa*, *48*. https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248241630por

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021). *Violência contra crianças e adolescentes (2019-2021)*. Fundação José Luiz Egydio Setubal. https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-2019-2021.pdf

Gonçalves, D., Rezende-Campos, P., & Dantas, M. C. (2021). Pega a visão! Nem tudo é brincadeira: percepção do bullying no contexto escolar baseado no racismo e lgbtfobia. *Educação*, *11*(1), 124-139. https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/10441/ 4647

Jungenson, J. (2012). *Cómo hacer investigación cualitativa: Fundamentos y metodología*. Paidós.

Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm

Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e as Leis nºs 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14811.htm

Lima, M. E. O. (2023). Preconceito. In A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, E. M. Techio, & L. Camino (Orgs.), *Psicologia Social: temas e teorias* (pp. 405-444). Blucher.

Lopes, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, *81*(5), 164-172. https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006

Lopez, R., Amaral, A. F., Ferreira, J., & Barroso, T. (2011). Fatores implicados no fenómeno de bullying em contexto escolar: revisão integrada da literatura. *Revista de Enfermagem Referência*, *3*, 153-162. https://scielo.pt/pdf/ref/vserIIIn5/serIIIn5a16.pdf

Malta, D. C, Mello, F., Prado, R., Sá, A. C., Marinho, F., Pinto, I., Silva, M. M., & Silva, M. A. (2019). Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, *24*(4), 1359-1368. https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017

Malta, D. C., Oliveira, W. A., Prates, E. J. S., Mello, F. C. M., Moutinho, C. S., & Silva, M. A. I. (2022). Bullying entre adolescentes brasileiros: evidências das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, Brasil, 2015 e 2019. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, *30*, 2-12. https://doi.org/10.1590/1518-8345.6278.3678

Mello, F. C. M., Malta, D. C., Santos, M. G., Silva, M. M. A., & Silva, M. A. I. (2018). Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar-2009 a 2015. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, *21*, 1-14. https://doi.org/10.1590/1980-549720180015.supl.1

Mezzalira, A., Fernandes, T., & Santos, C. M. (2021). Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying. *Psicologia Escolar e Educacional*, *25*, https://doi.org/10.1590/2175-35392021237016

Mota, R. S., Gomes, N. P., Campos, L. M., Cordeiro, K. C. C., Souza, C. N. P., & Camargo, C. L. (2018). Adolescentes escolares: associação entre vivência de bullying e consumo de álcool/drogas. *Texto & Contexto-Enfermagem*, *27*, 1-10. https://doi.org/10.1590/0104-07072018003650017

Oliveira, D. B. de. (2015) *Análise de discurso crítica da anistia política de militares no Brasil: a disputa por sentidos que ampliam ou restringem os direitos dos militares anistiados* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPE. https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17385

Oliveira, W. A., Silva, J. L., Braga, I. F., Romualdo, C., Caravita, S. C. S., & Silva, M. A. I. (2018). Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, *23*, 751-761. https://doi.org/10.1590/1413-81232018233.10092016

Pigozi, P. (2018). A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, *28*(3), 1-21. https://doi.org/10.1590/S0103-73312018280312

Reis, A. F., & Carvalho, G. (2017). Bullying escolar: a violência e preconceito nas formas do bullying entre estudantes do ensino fundamental em Campo Grande, MS. *Multitemas*, *22*(51), 69-89. https://doi.org/10.20435/multi.v22i51.1289

Rocha, M. F. B. F., & Cerqueira-Santos, E. (2019). Violência no Ambiente Escolar como Forma de Exclusão. In H. Cerqueira-Santos, & L. M. Maia (Orgs.), *Preconceito e Exclusão Social: estudos em Psicologia no Brasil* (pp. 90-129). EDUFPI.

Russo, L. (2020) Associação entre vitimização por bullying e índice de massa corporal em escolares. *Cadernos de Saúde Pública*, *36*(10), 1-12. https://doi.org/10.1590/0102-311X00182819

Sampiere, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Penso.

Santos, I., & Silva, M. A. (2021). O corpo no ensino médio: uma análise da percepção corporal dos estudantes do Rio de Janeiro. *Journal of Physical Education*, *32*, 1-12. https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3205

Santos, L. C., & Faro, A. (2018). Bullying entre adolescentes em Sergipe: Estudo na Capital e Interior do Estado. *Psicologia Escolar e Educacional*, *22*(3), 485-492. https://doi.org/10.1590/2175-35392018036741

Silva, A. B. (2015). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Globo.

Silva, B. R. V. S., Silva, A. O., Passos, M. H. P., Soares, F. C., Valença, P. A. M., Menezes, V. A., Colares, V., & Santos, C. F. B. F. (2018). Autopercepção negativa de saúde associada à violência escolar em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, *23*(9), 2909-2916. https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.12962018

Silva, G. R. R., Lima, M. L. C., Acioli, R. M. L., & Barreira, A. K. (2021). A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. *Ciência & Saúde Coletiva*, *26*, 4933-4943, https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.20632019

Silva, J. L., Oliveira, W. A., Mello, F. C. M., Prado, R. R., Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2019). Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, *28*(2), 1-11. https://doi.org/10.5123/S1679-49742019000200005

Sousa, B. O. P., Santos, M. A., Stelko-Pereira, A. C., Chaves, E. C. L., Moreira, D. S., & Pillon, S. C. (2019). Uso de drogas e Bullying entre adolescentes brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *35*, 1-11. https://doi.org/10.1590/0102.3772e35417

Souza, J. M., Silva, J., & Faro, A. (2015). Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, *19*(2), p. 289-298. https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837

Souza, L. E., Maia, L., & Moreira, P. (2020). Bullying: uma expressão do preconceito na escola. In P. Gomide, & A. C. Stelko-Pereira (Orgs.), *Bullying: Perspectivas e Propostas Nacionais de Intervenção* (pp. 35-46). Juruá.

Souza, M., Silva, M., & Carvalho, R. (2010) Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, *8*(1), 102-106. https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134

Tessaro, M., Trevisol, M. T. C., Pereira, M. B. F. L. de O., & Bernardi, F. S. (2023). Estratégias de prevenção e manejo do bullying na escola: uma análise

sistemática da literatura. *Educação*, *48*(1), e102/1-24. https://doi.org/10.5902/1984644469981

Valle, J. E., & Stelko-Pereira, A. C. (2020). Polêmicas da definição de bullying, histórico de pesquisas e intervenções. In P. Gomide, & A. C. Stelko-Pereira (Orgs.), *Bullying: Perspectivas e Propostas Nacionais de Intervenção* (pp. 21-33). Juruá.

Veloso, V. R., Costa, F. B. S., Marques, C. C. A., Andrade, J. X., Miranda, C. E. S., & Araújo, R. S. R. M. (2020). Vitimização por bullying e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: estudo populacional. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, *23*, 1-14. https://doi.org/10.1590/1980-549720200097

Zamprogno, M. P., Mandrá, P. P., Gonçalves, T. C., & Jorge, T. M. (2020). Experiências de violência na escola na percepção de pacientes com gagueira. *Revista CEFAC*, *22*(6), 1-7. https://doi.org/10.1590/1982-0216/20202266020